



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Comunicação

**A MÚSICA ELETRÔNICA COMO MOVIMENTO CULTURAL EM
SALVADOR**

Luan Ribeiro Pugliesi Lessa

Salvador - BA

2024

Luan Ribeiro Pugliesi Lessa

**A MÚSICA ELETRÔNICA COMO MOVIMENTO CULTURAL DE
SALVADOR**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Faculdade de Comunicação da UFBA, como
requisito para conclusão do curso de
Comunicação com habilitação em Produção em
Comunicação e Cultura.**

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Figueiredo Costa

Salvador - BA

2024

Luan Ribeiro Pugliesi Lessa

**A MÚSICA ELETRÔNICA COMO MOVIMENTO CULTURAL DE
SALVADOR**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Faculdade de Comunicação da UFBA, como
requisito para conclusão do curso de
Comunicação com habilitação em Produção em
Comunicação e Cultura.**

Aprovado em:

(Título e nome de componente da banca examinadora)

(Título e nome de componente da banca examinadora)

(Título e nome de componente da banca examinadora)

RESUMO

A presente monografia visa analisar como a cena da música eletrônica em Salvador se estrutura e se consolida como um movimento cultural na cidade. A pesquisa busca identificar os valores simbólicos existentes e não identificados na cena noturna, além de investigar o reconhecimento do movimento tanto por parte do público quanto pelo poder público. O objetivo é compreender as formas de validação e construção desse movimento cultural, explorando a cena noturna e a contribuição para a economia local. A pesquisa aborda conceitos de cultura, hibridismo cultural, campos culturais e valores simbólicos, e reflete sobre a importância da música eletrônica para Salvador, analisando como esta cena pode fortalecer a identidade cultural e estimular o desenvolvimento econômico local. Foram realizadas entrevistas com três produtores da cena de Salvador, representantes dos eventos Sollares e Inferninho, Manifesto, Atlantis e Ápice. A cena cultural da música eletrônica em Salvador enfrenta sérios obstáculos, como a desvalorização dos artistas locais, baixos cachês e altos custos operacionais, exacerbados pela informalidade e desigualdades socioeconômicas. Esses desafios criam um ambiente adverso para a sustentabilidade e expansão do movimento cultural. No entanto, eventos como a festa em.off e o suporte da Só Shape Tabacaria exemplificam como parcerias estratégicas e iniciativas comunitárias podem fortalecer o cenário cultural local.

Palavras-chave: música eletrônica; campo cultural; movimento cultural; valores simbólicos; referências culturais; fomento à cultura; reconhecimento cultural; cena cultural.

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	5
2 - Contextualização histórica e a manifestação da música eletrônica em Salvador.....	7
3 - Organização Institucional, estratégias de mobilização e imagem.....	14
4 - Artistas locais, público e visões sobre o cenário atual.....	22
5 - Considerações finais.....	28
6 - Referências bibliográficas.....	30
7 - Apêndice.....	31
8 - Anexo.....	32
8.1 - Sollares.....	32
8.2 - Manifesto.....	33
8.3 - Ápice/Atlântis.....	34
8.4 - Inferninho.....	35

1 - Introdução

Desde os meus primeiros passos no mundo da música eletrônica, em 2013, mergulhei em uma jornada repleta de descobertas e transformações. Naquela época, aos 15 anos, enfrentava uma série de desafios pessoais e familiares, buscando uma válvula de escape para as adversidades que me cercavam. Foi então que, por um golpe do destino ou talvez pela sincronicidade do universo, me vi diante de uma transmissão ao vivo do renomado Ultra Music Festival Miami, um verdadeiro espetáculo da Eletronic Dance Music (EDM) sediado nos Estados Unidos. Fui envolvido pela magia daquele momento, testemunhando a vibração intensa do público, a grandiosidade da estrutura do festival e a energia contagiante das batidas eletrônicas que ecoavam pelos enormes telões de LED.

Essa experiência despertou em mim um turbilhão de questionamentos e reflexões profundas sobre a música eletrônica e seu poder transformador. O que fazia aquelas batidas ressoarem tão profundamente em meu ser? Como os DJs eram capazes de criar composições capazes de unir multidões em uma mesma vibração? Essas indagações foram o ponto de partida para uma jornada autodidata na produção musical eletrônica, impulsionada pela necessidade de compreender mais profundamente aquele universo que já começava a fazer parte integrante do meu cotidiano.

Influenciado por experiências familiares, como a presença marcante de minha mãe em eventos do gênero desde a minha infância, e pela exposição a programas radiofônicos que embalavam minhas tardes e noites, como o "Adrenalina", da rádio Transamérica, e as coletâneas Summer Eletrohits que ecoavam nos pequenos eventos escolares, minha paixão pela EDM já estava latente, aguardando apenas o momento certo para florescer. E foi naquele instante, diante da transmissão do Ultra Music Festival, que minha paixão pela música eletrônica se tornou uma chama ardente que me guiaria ao longo de uma jornada de autodescoberta e expressão criativa.

Ao longo de quatro anos de estudos dedicados e imersão completa na arte da produção musical, explorei os mais diversos aspectos da teoria musical e da manipulação de áudio, absorvendo conhecimento sobre os padrões harmônicos e melódicos que caracterizam a EDM. Durante essa jornada, tive o privilégio de colaborar com mais de 14 gravadoras, entre estrangeiras e nacionais, lançando mais de 25 faixas autorais que refletem a minha evolução artística e o meu compromisso com a excelência na produção musical. Enquanto mergulhava

nas obras de renomados artistas internacionais, como David Guetta, Calvin Harris, Avicii e Eric Prydz, percebia o poder emocional da música eletrônica e seu impacto na cultura global.

Foi assim, impulsionado por essa paixão avassaladora e pela compreensão da influência transformadora da música eletrônica, que dei vida à minha primeira produção autoral, “Lunar”, uma homenagem à energia e à felicidade que minha fiel Dachshund transmitia. O lançamento oficial dessa música, em maio de 2019, pela gravadora alemã Sound Kleckse Records, marcou o início de uma jornada emocionante que, até os dias de hoje, soma cinco anos de carreira como DJ e produtor musical. Durante estes cinco anos, pude me consolidar e me apresentar nos principais eventos de Eletronic Dance Music underground da cidade de Salvador, com mais de cinco passagens pela Inferninho Baiano, duas pela 909 Movement, realizei a abertura da Sollares, um dos principais eventos de música eletrônica do Norte/Nordeste brasileiro, além de diversas outras festas menores, pude acompanhar o processo de transição da antiga Amsterdam, hoje conhecida como Mirante dos Aflitos, assim como o surgimento, desaparecimento e repaginação de diversas casas de shows da cidade.

Paralelamente à minha jornada artística, ingressei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA) em 2019, onde me vi imerso em estudos culturais e análises críticas dos diversos nichos da cultura contemporânea. Foi nesse contexto acadêmico estimulante que percebi a importância de explorar o mundo da música eletrônica sob uma perspectiva mais ampla, compreendendo não apenas sua dimensão sonora, mas também seu significado cultural e social na cena musical de Salvador e além.

Através dessa introspecção acadêmica, surgiu o desejo de investigar mais profundamente a manifestação cultural da música eletrônica em Salvador. Percebi que, embora a cidade possua uma cena vibrante e efervescente, ainda faltava um olhar mais sensível e uma abordagem mais dedicada por parte dos setores público, privado e dos próprios produtores locais. Uma dessas abordagens é a de reconhecer o potencial impacto positivo da EDM na cultura local, promovendo uma integração social e musical mais ampla e enriquecedora, tendo em vista os diversos gêneros musicais e artísticos presentes na cidade, contribuindo ainda mais para o fortalecimento da identidade cultural e desenvolver ainda mais a cultural local, que por si só já é bem forte quando se trata de outras vertentes musicais, como o Axé, Pagode, Samba, Reggae e até o Rock’n Roll.

2 - Contextualização histórica e a manifestação da música eletrônica em Salvador

Salvador é internacionalmente reconhecida como um importante centro cultural, ostentando o título de “Cidade da Música”¹ devido à sua diversidade de manifestações artísticas. A cidade possui uma rica história, intrinsecamente ligada a movimentos e cultura afrodiáspórica, se refletindo em seus costumes, culinária, práticas religiosas e, é claro, em suas formas de consumo artístico. Desde a criação do Axé Music até a influência histórica na cultura do Samba de Roda, Salvador exportou grandes nomes da música brasileira, estabelecendo vínculos diretos com a cultura afro-brasileira, seja pela cor da pele, pela prática religiosa ou costumes culturais. Pela sua potencialidade criativa e artística, Salvador destaca-se como um dos principais pólos de produção cultural do país, realizando eventos de diversos tipos e contribuindo significativamente para a produção acadêmica ao analisar e discutir aspectos, impactos de políticas públicas e movimentos culturais que integram o cotidiano da população.

Entretanto, é notável a escassa presença do debate acadêmico sobre a cultura da música eletrônica em Salvador e seu amplo volume de produção. Tal movimento ainda é pouco reconhecido e valorizado como parte do catálogo cultural da cidade, limitando-se a uma bolha que luta para se manter e se tornar relevante, diante do público de massa. A constituição do monopólio da indústria de grandes eventos regionais no segmento, a falta de incentivo à produção independente e a escassez de recursos financeiros para os produtores independentes, impõem à cena cultural eletrônica soteropolitana uma série de desafios para sua sustentabilidade, como a falta de editais setoriais que a contemplem a categoria, a ausência de pagamento de cachês justos aos artistas locais, a concentração de informações, funções e recursos diversos, bem como barreiras geográficas e estereótipos que perpetuam o gênero musical em questão.

Ao tratar do conceito de cena cultural, Jeder Janotti Júnior destaca que a "cena" não é apenas uma aglomeração física de artistas, mas sim uma rede de interações sociais, econômicas e culturais entre diversos agentes, como artistas, público e mídia. Essas relações estabelecem um ambiente propício para a criação e manutenção de identidades e valores culturais compartilhados, ampliando o escopo da produção cultural para além dos limites locais e físicos.

¹ A capital da Bahia, Salvador, recebeu o título oficial de Cidade da Música, da Rede de Cidades Criativas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Para realizar uma breve contextualização histórica, a Eletronic Dance Music emergiu no cenário mundial no início da década de 1970, durante “O apogeu do rock n’roll, no final dos anos 1960, fez com que as discotecas voltassem à dinâmica da banda ao vivo, tornando-se clubes.” (Arango, 2005) O que acabou afastando o grande público da música para dançar e girou em torno das bandas de rock, apoiadas pela indústria fonográfica. Como inicialmente este nicho era direcionado a um público mais *underground*², e que movimentava as discotecas da época.

O repertório, constituído inicialmente por música soul e funk (James Brown, Isaac Hayes, The Family Stone) foi gradualmente modificado dentro das discotecas, estabelecendo um novo gênero musical, que se apóia na reprodução eletrônica e concentra-se no ritual da dança: o disco (Arango, 2005, p. 106).

A partir dos anos 1970, a eletronic dance music foi ganhando popularidade nas produções fonográficas e audiovisuais, graças a grupos como Kraftwerk, grupo alemão, que naquele período assinava suas primeiras produções.

As primeiras produções, Kraftwerk 1 (Phillips, 1970) e Kraftwerk 2 (Phillips, 1971), foram gravadas no Kling Klang e lançadas pelo selo Phillips. O Kraftwerk foi apenas o terceiro projeto comercial da Phillips, que era, naquele momento, uma companhia ainda incipiente. (Arango, 2005, p. 139).

Durante esse período, o Kraftwerk ganhou reconhecimento por sua abordagem musical experimental. Com o passar dos anos e a crescente incorporação de sintetizadores na música popular, o grupo alemão revolucionou o cenário musical. A partir de “Autobahn” em 1974, o Kraftwerk fundiu elementos da música erudita experimental com conceitos da indústria fonográfica, resultando em uma nova forma de música pop. Essa inovação estética e sociocultural deu origem ao que conhecemos como “música eletrônica”.

No Reino Unido, durante o início dos anos 1980 a banda Depeche Mode se formou, este grupo foi responsável por um dos maiores hits da eletronic dance music e que se tornaria um grande impulsionador deste estilo musical ao redor do mundo, com a faixa “Enjoy The Silence” carro-chefe de um dos álbuns mais importantes da música eletrônica disco, o *Violator*. Agora voltando os olhos aos gêneros House, Techno e Trance, este último mais associado ao xamanismo e ao hinduísmo, que são considerados os mais influentes da música eletrônica contemporânea e estão intimamente ligados à cultura negra e LGBTQIAPN+.

² Underground significa subterrâneo, em português, e é usado para chamar uma cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade. Underground é um ambiente com uma cultura diferente, que não segue modismos e geralmente não está na mídia.

apesar de suas raízes serem ligadas a diversos povos, para a população negra e LGBTQIAPN+ o house, disco e techno carregam consigo um valor simbólico de busca pela liberdade, onde as boates e clubes, se apresentam a décadas como locais de acolhimento e auto expressão, onde:

As discotecas estabeleceram-se como lugares de reunião de grupos excluídos da sociedade nova-iorquina, gays, latinos e negros. Em discotecas underground como The Church (mais tarde The Sanctuary), consolidou-se uma minoria que encontrava na dança um meio de liberação. (Arango, 2005, p. 106).

Neste sentido, é correto afirmarmos que a música eletrônica é um exemplo claro do conceito de hibridização cultural, pois o seu surgimento foi simultâneo em todo o globo e, ao longo do tempo, devido ao advento da globalização, foi se expandindo e se modificando de acordo com as mesclas e trocas culturais. Além de historicamente a música eletrônica ser considerada um equipamento de auto-expressão, esta também é parte fundamental da cultura Rave, que surgiu a partir do final da década de 1980, com a realização de raves ilegais no reino unido, período este que rendeu um documentário chamado de *Locked Off*, transmitido pela revista VICE UK, se enquadrando assim dentro de um conceito conhecido como contracultura, apesar de ser a mais uma expressão cultural de uma geração inteira movimentada pela luta em favor do respeito, à identidade individual e empoderamento. O conceito de hibridização cultural, proposto por Canclini, destaca a importância da cultura popular como uma arena de negociação e resistência, na qual as pessoas podem se apropriar e reconfigurar elementos culturais de maneiras criativas.

Canclini apresenta-nos três hipóteses: a primeira, de que a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernização deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam; a segunda, de que o trabalho conjunto das ciências sociais pode gerar outro modo de conceber a modernização latino-americana, mais do que como uma força alheia e dominadora que busca substituir o tradicional, como as tentativas de renovação com que diversos setores se encarregam da heterogeneidade multitemporal de cada nação; e, a terceira e última, de que o olhar transdisciplinar sobre os circuitos híbridos tem consequências que extrapolam a investigação cultural. (Oliveira, 2007, p. 174).

Por meio da análise das práticas culturais cotidianas, como música, cinema e outras formas de arte, é possível compreender como elas moldam identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a Eletronic Dance Music, através de diversos remixes e uso de elementos musicais étnicos, se apresenta como um processo de hibridização constante, onde elementos

de diversas culturas, incluindo a afro-brasileira se mesclam com influências globais, gerando uma cena única e vibrante.

Ao considerar o conceito de campo cultural de Pierre Bourdieu (2014), entendemos que um campo é

Um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desses espaços que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças (Bourdieu, 1997, p. 57).

A cena da música eletrônica em Salvador constitui um campo cultural distinto, onde artistas, produtores e outros agentes buscam obter recursos materiais e simbólicos, visando a transformação deste campo, como um potencial de produção cultural sustentável e impulsionador social de novos produtores culturais e musicais locais, através da promoção e aquisição dos valores simbólicos como prestígio, reconhecimento e legitimação identitária por meio de suas criações musicais e eventos culturais, entretanto ainda é um campo pouco articulado entre si.

Considerando que os campos culturais apresentado por Bourdieu, por essência, são ambientes de uma espécie de luta de classes, que neste caso pode ser vista da seguinte forma, os produtores e artistas independentes que tentam se inserir no circuito artístico da cena, acabam sofrendo inferência que às vezes acontecem por coincidência e, em outras situações, acontece de forma proposital, visto que é a tendência do dominante, para manter seu status de poder. “Se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada, e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (Bourdieu, 1983, p. 89). Assim, o funcionamento de um campo é construído socialmente a partir de um processo de lutas entre seus agentes e instituições. O que por sua vez, ao considerarmos as estratégias de manutenção de poder, impacta negativamente à governança dos eventos culturais, talvez este não seja um problema exclusivo ao mercado da música eletrônica, entretanto estas disputas e sobreposições dos interesses individuais sobre os interesses coletivos, além deste cabo de guerra interno, afasta este debate que ainda é secundarizado durante as conversas sobre a cena eletrônica de Salvador. .

Em suma, a eletronic dance music em Salvador transcende sua mera função como forma de entretenimento; ela representa um espaço de resistência cultural, expressão e identidade para diversos públicos. Por meio da hibridização cultural e da dinâmica dos

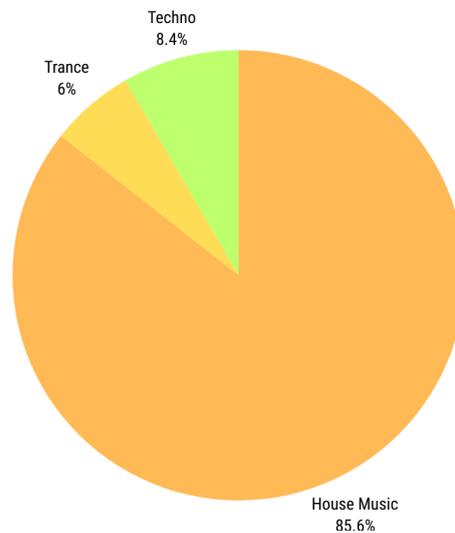
campos culturais, essa cena continua a se desenvolver e a se reinventar, desafiando estereótipos e contribuindo para a diversidade e vitalidade da cultura local.

Essa afirmação é corroborada pela análise dos dados obtidos a partir da raspagem de dados na agenda cultural Aldeia Nagô. Para o processo de raspagem, foi utilizado o *software* de programação Python, a partir da criação de uma série de códigos que automatizam o processo de coleta dos dados, a partir do código fonte das colunas do site. Durante este processo, ao utilizar o comando de *scrapy*³ O programa coletou todas as informações correspondentes utilizadas para denominar cada informação no site, assim inserindo os dados coletados no site em uma planilha excel. A raspagem realizada foi feita considerando os últimos 10 anos. Buscando por 'música eletrônica', nos deparamos com um total de 512 eventos no período de 18 de julho de 2013 a 23 de fevereiro de 2024. É crucial ressaltar que essa diversidade de eventos abrange uma ampla gama de propostas e descrições, todas relacionadas à música eletrônica, sem especificar gêneros musicais. Considerando somente esta plataforma, já obtemos um volume de produção considerável, considerando eventos não catalogados e outras agendas culturais, os números apresentados poderiam ser superiores, mas a atual amostragem já serve ao seu propósito.

Ao nos aprofundarmos na busca por termos mais específicos, como 'Techno' e 'Trance', identificamos 50 eventos de Techno, registrados de 17 de agosto até 8 de abril de 2024, e 36 eventos de Trance, registrados de 14 de dezembro de 2013 a 10 de dezembro de 2022. Além disso, para o termo “House Music”, encontramos um total de 426 eventos (Figura 1). É relevante observar que alguns desses eventos não se limitavam apenas à House Music, mas também incluíam os subgêneros da House e outras vertentes musicais, como Pagode, Samba, Funk (um gênero eletrônico genuinamente brasileiro, embora ainda não totalmente aceito dentro do cenário eletrônico como um todo, algo que renderia uma outra pesquisa exclusiva sobre, mas não iremos nos aprofundar sobre aqui), Pop, Jazz, MPB, entre outros.

³ Scrapy é um Framework para extração de informação em websites.

Figura 1 - Proporção de eventos entre os gêneros da Eletronic Dance Music em Salvador



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2024

Essa diversidade de eventos reflete a riqueza e a variedade presentes na cena da música eletrônica em Salvador, demonstrando sua capacidade de atrair e envolver diferentes públicos. A partir da análise desses dados, torna-se evidente que a eletronic dance music não apenas se estabeleceu como parte integrante da cultura local, mas também desempenha um papel significativo na dinâmica cultural da cidade. A análise evidencia uma disparidade na definição e percepção da música eletrônica em Salvador. Enquanto a House Music e seus subgêneros se destacam com um volume significativo de eventos, os gêneros Techno e Trance também possuem sua presença, embora em menor escala. Essa diversidade de eventos e a frequência com que ocorrem demonstram a vitalidade e a riqueza do movimento cultural da eletronic dance music na cidade.

Por fim, reconhecer esse volume de produção é fundamental para compreendermos que a música eletrônica em Salvador não é apenas uma moda passageira ou um fenômeno isolado, mas sim um movimento cultural consolidado e vibrante, que já carrega 30 anos de história, e que já passou por diversos processos de renovação. Essa cena representa não apenas uma forma de entretenimento, mas também um espaço de expressão, inclusão e diversidade. Fortalecendo as relações de troca simbólicas e reforçando a cultura e expressão local, dando mais oportunidade e estabilidade ao artista local e produtor, para isso acontecer é essencial que tanto os setores públicos quanto os privados reconheçam e valorizem esse

movimento, oferecendo suporte e oportunidades para seu crescimento e desenvolvimento contínuos.

Considerando apenas o seu volume de produção, é possível notar certos impactos na cultural local, sendo considerado um ambiente de acolhimento e inclusão social, os eventos de eletronic dance music, se tornam vetores importantes para a gestão ambiental e social, visto que seus impactos além de promover entretenimento e ser um espaço sem julgamentos para a população, também gera renda aos habitantes locais e agregar valor como fomentador econômico para o município. Considerando o potencial turístico da cidade e as possibilidades de investimento no setor de eventos, com uma maior qualificação da cena da eletronic dance music em Salvador, as gestões privadas e públicas poderiam olhar com maior receptividade a ações e eventos locais, fomentando a economia criativa da cidade, além de estimular o turismo e hotelaria, impulsionando assim, não somente a EDM em Salvador, mas toda a sua economia.

3 - Organização Institucional, estratégias de mobilização e imagem

Para a construção deste capítulo, entrevistei três produtores de eventos de música eletrônica de Salvador, cada um com a sua distinta trajetória, que variam de 10 a cinco anos de atuação no cenário local. As entrevistas foram realizadas de forma online através de vídeo chamada e por meio de conversas por áudio através da rede social WhatsApp, como norteador, foi elaborado um questionário semi-estruturado, que abriu a possibilidade de adicionar perguntas ao longo da entrevista. Apesar de não ser a melhor plataforma para realização destas entrevistas, foi necessário, pois alguns dos entrevistados não tinham tempo disponível para a realização das mesmas presencialmente ou por vídeo chamada. Os entrevistados foram Jefer Reis, Diretor de Marketing da Sismik Entertainment, selo responsável pela realização de festivais de Trance na região metropolitana de Salvador e atuante há mais de nove anos; Karmaleoa, DJ, Diretora Executiva, idealizadora da Manifesto, evento LGBTQIAPN+ voltado para a vertente do Techno e House e outras sonoridades consideradas mais undergrounds no campo da música eletrônica e que atua há mais de cinco anos; e Rodrigo Bouzon, sócio da Salvador Entretenimento, idealizador e Diretor Executivo de eventos como Sollares⁴ e Inferninho Baiano, além de estar articulado com o grupo Soononmoon, coletivo realizador da rave Aurora.

Ao conduzir as entrevistas, ficou claro que as formas de se organizar, financiar e prospectar recursos – sejam eles financeiros, materiais ou simbólicos – variam significativamente. Isso se deve principalmente às realidades financeiras de cada produtor, equipe, formas de patrocínio e rede de apoio, além das singularidades do público e o que eles buscam nesses tipos de eventos. As estratégias adotadas pelos produtores são similares em alguns aspectos, mas distintas dependendo do porte e proposta do evento, resultando em um sistema de acerto e erro. Muitos produtores operam em uma espécie de ‘quarto escuro’ em relação à efetividade das estratégias adotadas, pois existe uma concentração de informação e não há um estímulo à transparência de dados para este setor.

A estratégia utilizada por Kamaleoa para viabilizar a organização do seu evento é similar ao que os outros entrevistados relataram. Entretanto, considerando o porte do evento, ainda pode ser visto como uma escala menor, visto que, de todos os eventos citados anteriormente, a Manifesto, apesar de ter um público mais fiel e motivado a participar de suas movimentações na cultura clubber, ainda enfrenta desafios como as barreiras geográficas

⁴ Um dos maiores eventos de música eletrônica do Norte/Nordeste.

instruídas pelo sistema de transporte público de Salvador, dispersão do público devido a realidade financeira da população, que como aponta Rodrigo Bouzon durante entrevista “Existe sim uma comunidade clubber. Mas as pessoas não têm dinheiro para vivenciar” (Rodrigo Bouzon, durante entrevista para o autor, 2024), entre outros desafios.

Este tipo de comportamento entre os grupos de apoio é bastante comum na cena cultural da música eletrônica em Salvador. Trazendo um pouco da minha própria experiência com produção de eventos, contei com a minha rede de apoio, que inclui diversos amigos de profissão e donos de casas de shows, para viabilizar a realização dos eventos e baratear os custos, considerando que muitos produtores independentes não possuem capital de giro inicial para a concepção dos seus eventos. Isso os obriga a contar com parcerias entre casas noturnas, financiamento coletivo, DJs, sócios e outros interessados pelo evento dentro de sua própria rede de apoio, além de ter que ser criativo ao implementar estratégias de vendas, em uma tentativa de driblar o orçamento apertado do público soteropolitano e movimentar o próprio evento. Algo que se tem visto bastante recentemente, é a realização de eventos de música eletrônica gratuitos em locais abertos como as praias de Stella Maris, próximo a barraca do Lorô e também em locais fechados como na Só Shape Tabacaria, que fica localizada no coração do Rio Vermelho, em uma tentativa de produtores independentes locais a estimular o consumo de música eletrônica na cidade, aproximando o público de diversas realidades financeiras com o gênero musical, um exemplo de evento gratuito, na qual já fiz parte é a em.off, realizado na Tabacaria Só Shape e realizado pelo DJ e Produtor de eventos Fernando Mercês e que conta com o apoio do proprietário do espaço e dos DJs, para que a realização do evento seja viabilizada de forma gratuita ao público.

Este apelo constante dos produtores independentes da música eletrônica, que ainda não consolidaram as marcas de seus eventos na cidade, faz com que a cena menos comercial se torne um ambiente pautado no amadorismo, achismo e instabilidades, visto que não há nenhum tipo de orientação e a colaboração entre os produtores de diferentes coletivos é bem escassa, o cenário eletrônico acaba se tornando um local de disputa de networks, onde quem tem mais contato ou afinidade com x ou y, galga de mais oportunidades. Esta falta de orientação e diálogos entre os produtores locais, pode ser vista com maus olhos pelos atores deste movimento cultural, seja a âmbito regional ou nacional, considerando que já houve casos de sabotagem entre produtores de pequeno, médio e grande porte, o que gera um ambiente de desconfiança, segregação de forças e concentração de informação neste setor, dificultando a realização de diálogos construtivos entre os proponentes. Apesar deste não ser

um problema exclusivo do setor da música eletrônica, é perceptível que este empecilho trava o crescimento de novos selos de eventos e do mercado como um todo.

Apesar da tendência conflituosa entre os produtores, existem aqueles que buscam uma organização mais distribuída e escoada, com a implementação de organogramas institucionais e cultura empresarial. Este é o caso da Sismik Entertainment. Durante a entrevista com Jefer, o CMO da produtora explanou um pouco sobre o funcionamento institucional no período de pré-produção, produção e pós-produção:

Bom, nosso trabalho é mais ou menos dividido em três setores distintos. Temos o setor operacional, responsável por todos os aspectos relacionados aos recursos humanos do evento, estrutura, curadoria e conceito. Além disso, há a parte burocrática, envolvendo documentações, liberações e questões financeiras (Jefer Reis, em entrevista para o autor, 2024).

Já durante o início da Manifesto, a equipe não tinha um organograma ou uma estrutura institucional definida. A abordagem inicial foi de criação coletiva, principalmente entre Karma e Matheus Thierry. Com o tempo, essa estrutura evoluiu conforme as demandas aumentaram.

No início, não tínhamos um organograma ou uma estrutura institucional definida. Começamos com uma abordagem de criação coletiva, principalmente eu e Matheus Thierry. Naturalmente, senti a necessidade de convidar um amigo meu na época, o Felipe Seabra, que também se juntou a nós por ter experiência em produção de eventos. Embora tivesse alguma experiência, ele tinha mais, então o trouxemos para ajudar, principalmente na divulgação e nas redes sociais, além de auxiliar a formatar algumas ideias. Com o tempo, isso evoluiu conforme as demandas, e hoje em dia temos um organograma mais definido. Especificamente para a Manifesto, temos um quadro societário onde decidimos as metas, objetivos e formatos. Cada um de nós tem suas atribuições: eu fico mais com a curadoria artística e a direção geral, enquanto o Thierry cuida das mídias sociais e o Felipe se encarrega das relações públicas e da assessoria de imprensa. Apesar dessa divisão, todos nós colaboramos em todas as áreas, e como ainda não somos uma microempresa, operamos sob o MEI. Estamos no processo de abrir nossa própria empresa, mas enquanto isso, organizamos nosso trabalho dessa maneira, com cada um responsável por uma área específica, mas todos contribuindo em todas as frentes. Não temos funcionários, trabalhamos com contratações freelancer e prestação de serviços (Karmaleoa durante entrevista com o autor, 2024).

Quando questionados sobre a principal fonte de financiamento do evento, foi unanimidade que a bilheteria se apresenta como a principal fonte de captação de renda. Entretanto, nem sempre a venda direta dos ingressos se demonstra produtiva, visto que há uma tendência de comportamento do público que espera até o último momento possível para tentar conseguir uma vaga nas famosas 'listas'. Isso dá pouca expectativa de captação antes da

realização do evento, deixando o produtor em uma situação de insegurança, propenso a ser prejudicado caso o evento não corresponda ao investimento feito. Existem diversos casos de eventos de música eletrônica em Salvador e região metropolitana que quebraram, geraram dívidas e escândalos devido a negligências dos produtores, situação vivenciada pela rave Aurora mais de uma vez: em 2013⁵ com a morte de um jovem após a participar do evento, em 2017⁶ com o desaparecimento de um jovem, outro sendo internado após ser picado por uma cobra e realização sem autorização do poder público e em 2018, esta última edição, antes do intervalo nas atividades, que aconteceu há seis anos, considerando o tempo de escrita desta monografia, chegou a ser embargada por uma operação policial que foi intitulada com o nome do próprio evento, sendo encerrada e marcada pela prisão de mais de 10 pessoas⁷.

O caso mais recente de quebra e dissolução de evento foi o festival Rave Insanno, que em 2022 realizou sua edição comemorativa de sete anos, contando com três palcos e a participação de mais de três mil pessoas. Porém, devido a problemas logísticos e displicência da produção, o evento ficou marcado por falta de água potável, desconforto do público e calote em artistas e produtores locais. O que era para ser um marco na história da própria Insanno acabou marcado por mais prejuízos e escândalos.

De acordo com o portal BNews⁸, o produtor do evento foi até a página do festival se justificar, sendo uma das justificativas apresentadas pelos produtores do evento para os ocorridos durante e após o evento foi que houve uma subestimação da proporção do festival, que acabou contando com uma média de público maior que a prevista pelas vendas, além de alegar que a equipe do festival foi lesada por empresas terceirizadas. Isso ocorreu por diversos fatores, mas um dos mais notáveis se apresentou a algumas semanas antes da realização do festival, onde se existiam diversas listas e comissários que emitem cortesias em uma tentativa de dar corpo ao evento, já que existe uma máxima que diz: “A melhor decoração de um evento é a casa cheia.” Isso faz com que a estratégia da lista seja vista como algo negativo para o evento, pois acaba perdendo o seu sentido. A lista deveria ser direcionada a uma

⁵ Disponível em:

<https://www.bnews.com.br/noticias/policia/62357-jovem-morre-apos-participar-de-festa-rave-em-camacari.html>

Acesso em: 14 jun. 2024

⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/bahia/noticia/jovem-foi-internado-apos-ser-picado-por-cobra-em-rave-que-teve-morte-de-turista-e-sumico-de-rapaz.ghtml> Acesso em: 14 jun. 2024

⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/rave-aurora-e-encerrada-apos-operacao-policial-na-bahia-mais-de-10-pessoas-foram-detidas-com-drogas.ghtml> Acesso em: 14 jun. 2024

⁸ Disponível em:

<https://www.bnews.com.br/noticias/entretenimento/com-ingressos-que-chegaram-r150-clientes-sao-tratados-com-truculencia-e-ficam-sem-agua-durante-festa-em-sauipe.html>. Acesso em: 14 jun. 2024.

parcela do público que tenha envolvimento direto ou indireto com a produção do evento, pessoas como promotores, artistas parceiros, influenciadores, etc.

Com a abertura excessiva da lista de cortesias, o público se aproveita para não adquirir os ingressos antecipadamente e alguns produtores buscam evitar a publicização dessas listas, aplicando outras estratégias de vendas como sorteios, compras casadas, ingressos com desconto para estímulo da compra antecipada e até combos de quadrisadinhas⁹. Nesses casos, os produtores abrem mão de uma parcela do valor integral dos ingressos e buscam estimular os participantes da cultura eletrônica de Salvador a acionar seus amigos que compartilham do mesmo gosto para adquirir os ingressos em conjunto, ao invés de individualmente. Este tipo de apelo, apesar de reduzir um pouco a lucratividade dos eventos, se torna funcional pela captação dos dados de público e dá ao produtor uma expectativa de participantes totais do evento mais precisa.

Observando rapidamente a cena eletrônica de São Paulo para traçarmos um pequeno paralelo, percebemos que uma estratégia que se apresenta como uma das mais eficazes para incentivar o público a comparecer ao evento é a conversão do valor do ingresso em consumo nos bares. Estratégia esta que não é vista comumente nos eventos da capital baiana. Considerando os altos valores de bar dentro das casas noturnas, a utilização desta ação de vendas se apresentaria como um atrativo a mais para ao consumidor dos eventos eletrônicos da cidade, visto que isto teoricamente reduziria os custos durante o evento para o público, dando uma sensação de vantagem pessoal durante a aquisição do ingresso.

A cena eletrônica em Salvador, apesar de conseguir se manter firme de forma independente, infelizmente se encontra isolada quando a pauta é patrocínio financeiro. A visão ainda estereotipada do que é uma rave ou um evento clubber, frequentemente associado a um ambiente voltado para o uso de drogas e quebras de padrões morais, faz com que grandes marcas que poderiam potencializar esses eventos de forma financeira direta, se distanciem desta realidade. Devido a diversos fatores, alguns já citados anteriormente, o cenário eletrônico de Salvador é visto como pouco vantajoso e amador, principalmente quando comparado ao investimento direto em eventos de outras vertentes musicais, como axé, pagode, trap e sofrência¹⁰.

⁹ Combo de quatro ingressos, com redução de preço escalonável.

¹⁰ De acordo com o portal Arte nas Estações, o termo foi cunhado pela primeira vez nos anos 1960, “sofrência” é utilizado por diferentes estilos musicais: do brega ao sertanejo, as canções festejam o prazer de amar, mas, sobretudo, fazem do lamento de perder uma poesia que dá sentido à vida, elaboram a falta.

Entretanto, ainda existe uma relação entre os produtores locais e grandes marcas. Apesar de não haver um investimento de capital, há um investimento de insumos, onde os produtores captam produtos destinados a ativações e ações de marca durante o evento. Esse tipo de estratégia de captação de recursos é visto como uma forma de credibilizar e criar uma espécie de argumento de autoridade em relação ao evento, considerando a identificação do consumidor com a marca patrocinadora. Como relatou Jefer:

No contexto de um movimento alternativo e contracultural, muitas marcas ainda têm uma visão negativa, até mesmo pejorativa, em relação a esse tipo de evento. Isso se deve, em parte, aos históricos anteriores em que alguns produtores não seguiam padrões adequados, resultando em problemas que mancharam a imagem na mídia (Jefer Reis, em entrevista para o autor, 2024).

Esses padrões inadequados poderiam ser evitados caso houvesse uma busca pela profissionalização ou compartilhamento de informações e métodos entre os produtores locais. Entretanto, este desafio está longe de ser superado, e o cenário eletrônico continuará sendo impulsionado por eventos de produtores informais, sem formação técnica ou acadêmica na área, sem um nível de qualidade atrativo para a desconstrução da imagem negativa da cena eletrônica em relação à mídia e ao público não participante. Isso reflete na relação entre evento e marca patrocinadora, como também apontado por Jefer:

Consequentemente, as marcas receiam associar suas imagens a algo que possa ser considerado negativo. Desconstruir essa percepção é um desafio significativo, embora necessário. É compreensível que essa barreira, seja do poder público ou das empresas privadas, ainda seja muito grande (Jefer Reis, em entrevista para o autor, 2024).

Para estimular a profissionalização e incentivar o desenvolvimento de novos selos, caberia aos poderes com a capacidade de fomento, pensar em políticas e estratégias voltadas para a qualificação e profissionalização do setor da música eletrônica. Isso poderia incluir editais de incentivo à formação técnica, publicização de normas e leis que sejam de fundamental conhecimento dos produtores, e até a criação de editais para estimular a economia criativa e a construção de ambientes de formação artística dentro e fora desses eventos.

A aplicação dessas possíveis políticas e a formatação de eventos encontram desafios devido à falta de articulação conjunta dos produtores. Implementar eventos que incluam espaços de formação artística para novos DJs e produtores musicais, transformando-os em ambientes de partilha de informação e educação, poderia possibilitar o surgimento de novos artistas no futuro, considerando a veia artística e musical latente da capital baiana.

É sabido que a Bahia é reconhecida pelo seu potencial criativo e artístico, devido a diversos nomes que foram exportados das terras soteropolitanas e interioranas para o âmbito nacional e internacional, em diversos setores da arte, vide Dorival Caymmi, Gilberto Gil, Baco Exu do Blues, Ivete Sangalo, Léo Santana, Lázaro Ramos, Vladimir Brichta, entre outros. Isso também é verdade para o mercado de DJs e produtores musicais, que, assim como em todas as outras vertentes da arte, apresenta um alto potencial de exportação de artistas da música eletrônica, para o cenário nacional e internacional, apesar destes enfrentarem um cenário de instabilidade e incertezas. Em sua maioria, os DJs e produtores musicais são forçados a ter um ou mais empregos paralelos, pois a carreira artística não é autossustentável. Apesar disso, muitos artistas da música eletrônica são impulsionados pela importância cultural de seu papel. Essa motivação é reconhecida pelos produtores de eventos e pelo próprio autor deste trabalho. Esse fator é estimulado também pela diversidade artística que se encontra na cidade de Salvador, incentivando ainda mais os produtores de eventos e DJs a pesquisarem e apresentar sonoridades diferentes ao público, proporcionando experiências mais autênticas, assim como relata Karmaleoa:

Em Salvador, nossa cena é um tanto complexa. Temos uma produção artística muito vasta e diversificada, o que resulta em um público mais restrito, principalmente no nicho da música eletrônica. No entanto, essa peculiaridade também é especial, pois, ao frequentar eventos na cidade, é comum encontrar o mesmo tipo de som. Para uma experiência diferente e autêntica, é necessário comparecer a eventos como a Manifesto da Vida ou outros relacionados à cultura LGBT, à cultura ballroom, ao funk e à música eletrônica brasileira (Karmaleoa, em entrevista para o autor, 2024).

Para o público, o papel do DJ, além de ser o curador da festa, também passa a ser um difusor cultural. Sendo uma das figuras centrais da cultura eletrônica, o DJ pode ser visto até como a própria cultura, como relatou o produtor Rodrigo Bouzon:

O produtor do evento é só um empresário que está ali buscando lucrar, trabalhar, fazer o seu papel. Obviamente, o produtor tem o seu papel, mas ele visa lucro, né? É o trabalho dele. Então, ele vai buscar aquilo ali que vai dar o melhor retorno para ele. Já a questão da cultura, em si, a cultura é o DJ. A cultura é a produção da música (Rodrigo Bouzon, em entrevista para o autor, 2024).

Ou seja, diferente do produtor, o DJ se enxerga mais no papel de proporcionar boas lembranças e educar a pista de dança durante sua apresentação, se tornando uma figura central na difusão desta cultura. No entanto, também existe a preocupação relacionada à lucratividade do evento, já que o recebimento do cachê depende diretamente do sucesso do evento. Logo,

além de artista, o DJ tem que se colocar no papel de promotor de vendas para garantir a perspectiva de receber seu cachê. Em alguns casos, mesmo lotando a casa com sua rede de apoio, o artista está sujeito a calotes e a valores de cachê ínfimos, que geralmente variam de 150 a 500 reais, isso quando há oferta de cachê. Esse padrão de desvalorização do artista apresenta mais um desafio para o cenário eletrônico local, já que em comparação ao produtor, o artista acaba gastando uma boa parte do seu cachê no próprio evento em que vai se apresentar, instituindo assim uma espécie de desmoralização da classe.

Apesar de não ser uma situação isolada dentro do cenário da música eletrônica, essa desvalorização do artista, principalmente o local, dificulta ainda mais o desenvolvimento de uma cena sustentável e lucrativa para todas as partes atuantes.

4 - Artistas locais, público e visões sobre o cenário atual

Devido à falta de sustentabilidade na carreira local, os artistas da cena soteropolitana enfrentam um cenário desanimador. Em Salvador, há uma enorme dificuldade em manter a carreira musical devido aos baixos valores de cachê ofertados pelos contratantes, além do alto custo com o deslocamento, que não é considerado durante a contratação proposta e deve ser incorporado no valor total do cachê. Os artistas optam por transportes de aplicativo por conta do medo de assaltos, visto que Salvador é atualmente considerada a capital brasileira com as piores taxas de pobreza, violência e desemprego¹¹. Outro desafio é o alto custo dentro dos eventos e a taxa de consumação ínfima de 50 reais, que mal cobre o pagamento de água durante as apresentações. Em contraste, cachês exorbitantes são pagos para atrações de outros estados ou países, além de toda a logística, consumação pré-estabelecida pelo próprio artista e outras regalias, respaldadas por questões contratuais.

Este tipo de tratamento com os artistas nativos pode ser visto como uma estratégia para manter uma espécie de status quo, subvalorizando os artistas locais, qualificando-os como mão de obra barata e ofertando menos direitos e regalias em comparação aos artistas de fora. Esta linha de raciocínio, baseada na desvalorização do artista local, é bem retratada pela análise da obra de Bourdieu realizada por Roberto Hermano, que nos traz esta noção de organização e domínio dentro do campo político:

As classes ou frações sociais dominantes são aquelas que impõem a sua espécie de capital como princípio de hierarquização do campo. Não se trata, no entanto, de uma luta meramente política (o campo político é um campo como os outros), mas de uma luta, a maioria das vezes inconsciente, pelo poder (Hermano, 2006, p. 40).

Os artistas locais que atuam de forma independente quase nunca conseguem respaldo contratual devido à grande informalização da profissão e ao constante uso de acordos verbais entre contratado e contratante. Apesar desta prática ser considerada 'benéfica', este modelo de contratação atual mantém os DJs à margem das leis e direitos trabalhistas, já que muitos não têm ciência da necessidade de criar um MEI¹² para formalizar o serviço prestado e garantir um fundo previdenciário. Estes maus hábitos praticados por diversos contratantes obrigam os artistas locais a buscarem fontes de renda alternativas para conseguir seu sustento ou

¹¹ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/03/26/mapa-da-desigualdade-indicadores-renda-violencia-desemprego-salvador.htm#:~:text=Os%20índices%20de%20violência%20também,a%20cada%20100%20mil%20habitantes> Acesso em 23 de jul. 2024

¹² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Microempreendedor_individual Acesso em 23 de jul. 2024

continuar investindo em sua carreira musical. A desigualdade em Salvador não afeta apenas os pontos mencionados anteriormente, mas também o planejamento e a estrutura de carreira de DJs e produtores musicais de baixa renda, devido aos altos custos com identidade visual, captação audiovisual, promoção online, compra de equipamentos, entre outros.

Muitos artistas acabam desistindo da carreira devido aos constantes desafios encontrados. Já os que persistem, com o objetivo de ascender no cenário musical, utilizam a criatividade para se manterem relevantes perante a concorrência, seja por meio da criação de conteúdo para redes sociais, produção e divulgação constante de novas músicas ou DJs sets que demonstrem o valor da sua curadoria e sua habilidade de conduzir a pista de dança. Entretanto, para aqueles que não enfrentam os desafios financeiros impostos aos de classes sociais menores, estabelecer-se e viver da carreira artística também é um grande desafio. Porém, devido à maior estabilidade financeira, conseguem investir em serviços de audiovisual de alta qualidade, *press kits*¹³ profissionais, equipamentos de áudio, assessoria de imprensa, plataformas de distribuição de demos¹⁴ e outras ferramentas que ampliam o acesso a novas oportunidades e qualificam os projetos artísticos, dando uma base sólida para o artista focar apenas na composição de suas músicas e apresentações. Aqueles que conseguem ascensão na cena local e partem para o patamar nacional e internacional veem a necessidade de sair da capital baiana, mudando-se para estados como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, onde há um maior fluxo de eventos de música eletrônica, mais oportunidades de gigs¹⁵ e cachês mais atrativos.

Os artistas que ainda não conseguiram atenção nacional tendem a buscar formas de manter o movimento e o amor à música eletrônica vivos, assumindo muitas vezes o papel de produtores culturais. Realizando seus próprios eventos, podem continuar se divulgando e tentar lucrar um pouco com a venda de ingressos, considerando os acordos com as casas de shows e boates que disponibilizam apenas o valor da bilheteria como lucro para o produtor. O bar se torna uma forma da casa ter uma margem de lucro com a realização do evento. Essa relação entre casa e produtor cultural (DJ) é vista como uma forma de ganha-ganha para a realização do evento. Entretanto, para realizar um evento, é necessário pensar nos custos operacionais, logísticos e artísticos. Além dos custos, é essencial considerar a experiência do público e se colocar no lugar dele. Quais serão os desafios que o público enfrentará para

¹³ Press kit é um termo usado para descrever a coleção de imagens, fichas técnicas, logotipos, vídeos e outros recursos (físicos ou não) distribuídos como material de divulgação.

¹⁴ Demo é um termo utilizado para se referir a demonstrações de obras musicais.

¹⁵ Termo utilizado por DJs para se referir a uma apresentação

frequentar o evento? O local é de fácil acesso? Em que dia da semana será o evento? Pensar nessas questões é crucial para entender as probabilidades do evento acontecer da melhor forma possível, gerando lucro de portaria e bar e ainda sendo promovido entre os ciclos de amizade daqueles que o frequentaram. Neste processo, é importante considerar a experiência, a qualidade do ambiente, sonorização, cenografia e diversos outros fatores.

Um caso de sucesso que pode ser tomado como exemplo é a festa em.off, realizada na Só Shape Tabacaria, que conseguiu se consolidar através da movimentação orgânica do público. A divulgação inicial foi feita através do Instagram, aproveitando a crescente popularidade da Só Shape. O evento, que hoje é gratuito, recebe apoio da Só Shape para sua realização. A em.off (Figura 2) demonstra que a consolidação de eventos locais depende de diversos fatores, como a qualidade da experiência, a sonorização, a facilidade de acesso e a comunicação com o público. Seguindo a mesma lógica de organização da festa Manifesto de Karmaleoa, mas com propostas completamente diferentes.

Figura 2 - em.off na Só Shape tabacaria



Fonte: Instagram (@em.off.ssa)

A Só Shape se consolidou de tal forma no circuito noturno da cidade que adotou uma política de fomento cultural singular, onde a casa oferece uma ajuda de custo e consumo para que produtores e artistas, que mantêm uma boa relação com o espaço e que não têm condições

de arcar com os custos, viabilizem a realização dos seus eventos. Entretanto, existe uma exigência fixa no espaço: a realização gratuita do evento. Isso pode ser visto como algo positivo ou neutro, entretanto agrega certo capital simbólico, que nada mais é do que um título ou uma forma de reconhecimento.

O 'capital simbólico' é, na verdade, um efeito da distribuição das outras formas de capital em termos de reconhecimento ou de valor social, é 'poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento' (Bourdieu, 1987, p. 164 apud Campos, Lima, 2017, p. 110).

Considerando que um evento gratuito é mais atrativo ao público, o produtor abre mão da sua principal fonte de arrecadação, que é a bilheteria. Porém, a casa lucra com o fluxo constante e rotativo de pessoas no espaço e com a arrecadação do bar. Para o produtor, apesar de ter que abrir mão da arrecadação por vendas de ingressos, o evento pode agregar uma espécie de status de 'bem-sucedido', a depender do trabalho realizado durante a pós-produção do evento. Criados conteúdos fotográficos ou audiovisuais do evento, servem como material de marketing e, dependendo da recorrência do mesmo, podem servir como promoção futura. Além disso, a acessibilidade financeira e geográfica aumenta as chances de o espaço atingir a lotação máxima.

Localizada no coração da vida noturna de Salvador, no Rio Vermelho, a Só Shape é de fácil acesso para alguns, mas para muitos outros é complicado devido ao sistema de transporte público precário e à ausência de rotas de ônibus noturnas, os famosos 'corujões', cuja ausência é justificada pela insegurança e pela ineficiência do poder público em combater essa problemática. As viagens partindo de regiões periféricas, como a Suburbana, são longas e exaustivas. Além disso, a infraestrutura de transporte não é adequada para a demanda, o que torna a mobilidade urbana um desafio significativo para aqueles de baixa renda devido aos altos valores de transportes por aplicativos durante a madrugada.

Esta realidade desigual afeta diretamente o volume de público potencial e a difusão do movimento cultural, além de constituir um formato competitivo desleal entre os produtores com maior capital financeiro em relação aos de baixa renda. É perceptível que um produtor de baixa renda não conseguirá proporcionar a mesma experiência que outro com maior poder financeiro, e isso afeta diretamente a decisão de consumo do público, como observado por Rodrigo Bouzon:

As pessoas não têm dinheiro para sair todo final de semana e acabam frequentando o que elas enxergam ser mais completo, que tenha maior

conforto e uma boa entrega. Sem nenhum tipo de estresse (Rodrigo Bouzon, em entrevista para o autor, 2024).

Para que eventos independentes como a em.off e Manifesto possam continuar a crescer e se consolidar, é fundamental considerar e enfrentar os desafios de mobilidade urbana, competição desleal e desigualdade, buscando soluções que tornem o acesso aos eventos mais democrático e atrativo para o público de todas as regiões. Isso oferece aos produtores de eventos uma oportunidade de itinerância, realizando eventos em vários bairros e casas da cidade, diversificando seu público e democratizando o acesso à experiência. A Só Shape, além de ser um espaço de convivência e acolhimento, pode servir como um modelo para outros espaços na cidade, mostrando que é possível criar parcerias lucrativas e de apoio mútuo, fomentando e estimulando a realização de eventos em seu próprio espaço.

Com espaços como a Só Shape¹⁶ no Rio Vermelho e o VilaB¹⁷ em Lauro de Freitas fomentando a realização de eventos de música eletrônica, o público recorrente passa a enxergar esses locais como pontos de encontro. Com a realização constante de eventos com música eletrônica, a exposição do público consumidor desse nicho musical vai se nutrindo, surgindo assim a demanda de eventos de pequeno porte para atender a um público segmentado e espalhado pela cidade. Considerando que Salvador é uma cidade que respira o cosmopolitismo, onde cada bairro, cada região possui uma semiosfera¹⁸ cultural única, isso reflete diretamente nos hábitos de consumo cultural do público.

Além disso, cada região da capital é uma semiosfera distinta, com hábitos próprios. O cenário local de Salvador também pode ser analisado por faixa etária. Onde os mais jovens tendem a gostar de sons mais próximos ao trance, devido às batidas mais aceleradas, os adultos geralmente frequentam eventos mais voltados para o house, por causa da característica mais clubber e da experiência que geralmente é mais confortável do que uma rave. Já os adultos mais maduros preferem sons mais nostálgicos e melódicos, porém com a mesma intensidade e energia.

A cena da música eletrônica soteropolitana enfrenta desafios significativos que impactam diretamente a sustentabilidade da carreira dos artistas locais e a consolidação de pequenos eventos. A desvalorização artística e financeira, a falta de apoio estrutural e as desigualdades socioeconômicas criam um ambiente hostil para a prosperidade dos artistas

¹⁶ Atualmente, a Só Shape Tabacaria tem capacidade para receber 200 pessoas.

¹⁷ A boate VilaB tem a capacidade de receber 150 pessoas.

¹⁸ A semiosfera é o campo da semiose na qual os processos de signos operam no conjunto de todos os ambientes interconectados. O conceito foi criado por Yuri Lotman em 1982.

independentes. No entanto, exemplos como a festa em.off e a Só Shape Tabacaria demonstram que é possível criar e fomentar movimentos culturais resilientes através de parcerias estratégicas e iniciativas comunitárias. Para que esta cena continue a crescer e se consolidar cada vez mais, é essencial que os produtores e artistas locais enfrentem os desafios com criatividade e colaboração, buscando democratizar o acesso e oferecer experiências culturais ricas e inclusivas.

5 - Considerações finais

A cena da música eletrônica em Salvador enfrenta diversos desafios organizacionais, de infraestrutura e financeiros. Entretanto, ainda se mantém pulsante e vibrante, com um fluxo crescente de novos eventos, o que dá um ar de renovação ao cenário alternativo noturno de Salvador. Cada vez mais, a atenção se volta para os eventos de música eletrônica. Esse fluxo propõe uma perspectiva de "renovação" desta cena cultural, visto que, com a popularização dos eventos gratuitos, novas pessoas acabam se interessando pelo gênero musical ou pela experiência do evento, muitas vezes sendo a primeira vez naquele local.

Ao olharmos para o horizonte, percebemos que o potencial cultural de Salvador é imensurável. No entanto, é necessário que todos os atores deixem de lado as suas diferenças e se articulem em prol da construção de um calendário editorial para os eventos de grande e médio porte, dando espaço para a organização dos eventos menores. Isso evitaria a disputa pela mesma data com eventos maiores, promovendo uma maior diversidade e acesso. Outro fator importante é a valorização do produtor e artista local, que enfrentam diversos desafios para a manutenção deste movimento cultural. A desigualdade na remuneração, a falta de contratos formais e a ausência de apoio institucional são obstáculos que dificultam a sustentabilidade da carreira dos artistas e produtores. Apesar desses desafios, muitos continuam a buscar formas criativas de se destacar e manter o amor pela música eletrônica vivo.

A Só Shape, por exemplo, tem demonstrado que é possível criar parcerias lucrativas e de apoio mútuo, oferecendo um modelo a ser seguido por outros espaços na cidade. Com iniciativas como esta, o cenário da música eletrônica em Salvador pode continuar a crescer e se consolidar, democratizando o seu acesso e oferecendo experiências culturais ricas e inclusivas para o público de todas as regiões.

A cena musical soteropolitana enfrenta desafios significativos que impactam diretamente a sustentabilidade da carreira dos artistas locais. A desvalorização financeira, a falta de apoio estrutural e as desigualdades socioeconômicas criam um ambiente hostil para a prosperidade dos músicos independentes. No entanto, exemplos como a festa em.off na Só Shape Tabacaria demonstram que é possível criar movimentos culturais resilientes através de parcerias estratégicas e iniciativas comunitárias. Para que a cena continue a crescer e se consolidar, é essencial que os produtores e artistas locais enfrentem os desafios com criatividade e colaboração, buscando democratizar o acesso e oferecer experiências culturais

ricas e inclusivas. Assim, a cidade de Salvador pode se tornar um verdadeiro polo de inovação e diversidade musical, onde artistas de todas as origens possam encontrar um espaço para expressar seu talento e conquistar seu público.

Além disso, a criação de um calendário público aos produtores para eventos, a valorização do produtor e artista local, e a melhoria da mobilidade urbana são passos fundamentais para fortalecer e expandir a cena de música eletrônica na cidade. Com a união e articulação da maioria dos atores envolvidos, Salvador tem o potencial de se destacar ainda mais no cenário musical brasileiro e internacional, proporcionando uma experiência cultural única e vibrante para todos.

Devemos considerar que a relação Salvador e música eletrônica, é algo que ainda foi pouco explorado academicamente, o que se apresenta como uma grande possibilidade de pesquisa no mundo acadêmico, contendo diversas camadas que podem ser exploradas de diferentes abordagens, como poder, semiótica, estética, identidade dentre outras.

6 - Referências bibliográficas

ARANGO, Julián Jaramillo. Homens, máquinas e homens-máquina: o surgimento da música eletrônica. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LIMA, Rita de Cássia Pereira. Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. Cadernos de Pesquisa. 48(167). Jan./mar. 2018, p. 100-125.

CCPI - Centro Cultural de Políticas Identitárias. Edital de credenciamento de artistas, bandas e grupos musicais, Governo do Estado da Bahia, 2023.

<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/Edital_Credenciamento_CCPI/edital_credenciamento_ccpi_150423.pdf>

HERMANO, Roberto Thiry-Cherques. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Fundação Getúlio Vargas, Ebape, Rio de Janeiro, Brasil.

SÁ, S. P. As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual. In: SÁ, S. P.; JANOTTI JÚNIOR, J. S. (Org.). *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013. p. 25-40

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. Cogito, Salvador, v. 11, p. 14-19, out. 2010.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. Resenha: CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p. Boletim Goiano de Geografia [en linea]. 2007, 27(3), p. 173-181.

7 - Apêndice

Questionário semi-estruturado utilizado para entrevistar os produtores;

Trajetória

1 - Há quanto tempo você produz eventos de música eletrônica em Salvador?;

2 - Quando você iniciou a sua trajetória, quais foram as principais dificuldades encontradas e como você conseguiu driblar?;

Fomento/organização

3 - Como são feitas as gestões desses eventos? Há um organograma fixo? Quais as estratégias de organização institucional são utilizadas no momento de se pensar nessas festas?

4 - Quais estão sendo as principais fontes de recursos para a operacionalização dos eventos? Digo em relação a verbas para estrutura, bar, pagamento de cachês e etc;

5 - Se tratando de fomento/organização à/da cultura, como você vê o papel do produtor e do DJ neste contexto?;

Público

6 - Possível pergunta sobre a cultura da listas e como ela está influenciando negativamente o hábito de consumo do público;

7 - Sobre o público, podemos dizer que o está acontecendo uma renovação/aumento da adesão geral ou que estão sendo esvaziados?;

8 - As pessoas aqui em Salvador se consideram clubbers de fato? Há o fomento deste lifestyle aqui?;

Opinião sobre a cena

9 - Sobre a experiência nos eventos aqui de Salvador, qual é a sua opinião? Digo no sentido de entrega em line up, cenografia, atendimento e etc;

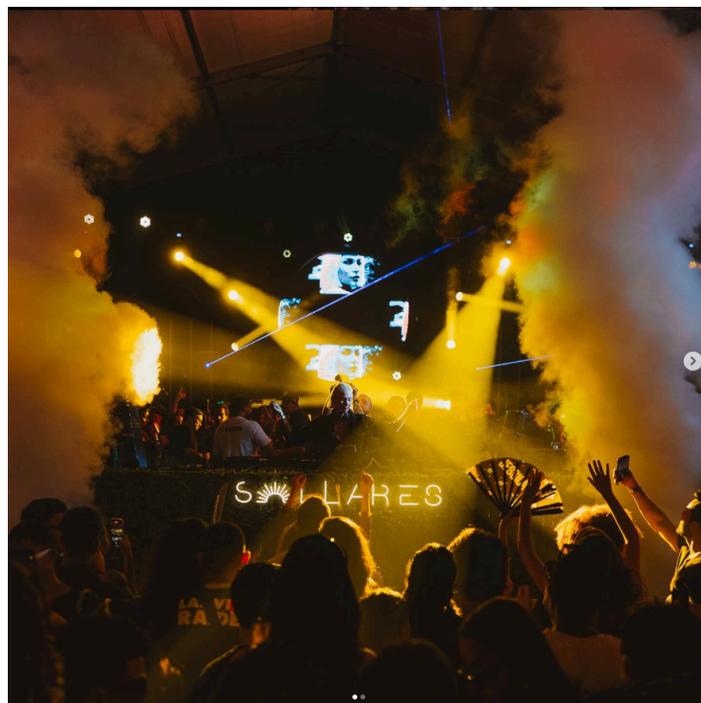
10 - Hoje a gente encontra uma cena muito aquecida, com eventos em quase todos os finais de semana, mas muita gente reclama que a conta não está fechando. Qual a sua opinião sobre isso?

8 - Anexo

8.1 - Sollares



Sollares, Jun 2024 (fonte Instagram: @sollaresoficial)



Sollares, Abr 2024 (fonte Instagram: @sollaresoficial)

8.2 - Manifesto



Manifesto, Jul 2024 (fonte Instagram: @manifesto.ssa)



Manifesto, Jul 2024 (fonte Instagram: @manifesto.ssa)

8.3 - Atlântis



Ápice, Jan 2024 (fonte Instagram: @apice.oficial)

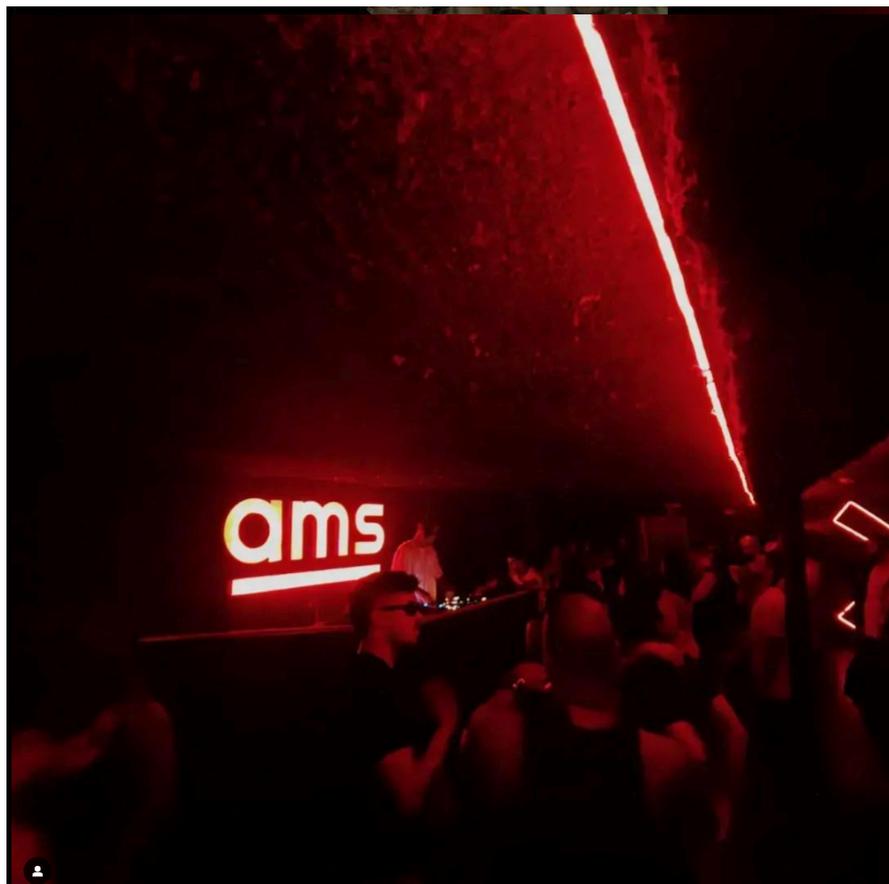


Ápice, Jan 2024 (fonte Instagram: @apice.oficial)

8.4 - Inferninho



Inferninho, Jul 2024 (fonte Instagram: @inferninhobaiano)



Inferninho, Mar 2023 (fonte Instagram: @inferninhobaiano)